

ESPAÇO ESCOLAR: O QUE ELE ENSINA? UMA INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS PROJETOS PEDAGÓGICO E ARQUITETÔNICO¹

Paulo Meireles Barguil²

A Via-láctea contém cerca de 400 bilhões de estrelas de todos os tipos movendo-se com uma graciosidade complexa e ordenada. De todas elas, os habitantes da terra conhecem de perto ou de longe somente uma. Cada sistema estelar é uma ilha no espaço, resguardada de seus vizinhos por anos-luz. Posso imaginar criaturas penetrando nos primeiros clarões do conhecimento em mundos incontáveis, cada um assumindo em primeiro lugar seu insignificante planeta e um punhado de sóis desprezíveis como sendo tudo o que existe. Crescemos no isolamento; somente aos poucos nos ensinamos sobre o Cosmos (SAGAN, 1982: 10).

A consciência de si mesmo, apartado do mundo, mas não isolado e independente dele, é uma característica que, até onde se sabe, distingue o Homem dos outros animais. A possibilidade de indagar, de conhecer, de aprender, permite-lhe avançar no seu grau de humanização, que se expressa, dentre outras maneiras, na sua capacidade de abstrair a realidade, de poder imaginá-la diferentemente de como ele a enxerga, e de lutar para que as mudanças almejadas se efetivem.

Para cada pessoa, esse processo ocorre em duas dimensões – individual e social – as quais só podem ser satisfatoriamente compreendidas se analisadas de modo interdependente, percebendo a unicidade de cada uma, bem como os vínculos que as unem: por um lado, ela precisa percorrer uma singular estrada para desabrochar suas aptidões tipicamente humanas, por outro, é somente na convivência com seus semelhantes e com a natureza que aquela jornada se realiza (VYGOTSKY, 1991).

Conhecer a sua história é um privilégio da raça humana. Nesse sentido, dois aspectos se destacam: a sua presença é um fenômeno bastante recente (há cerca de 3 milhões de anos) na história do planeta azul (aproximadamente 4,5 bilhões de anos); os nossos ancestrais eram bastante distintos do que somos, desde o aspecto físico (estatura, tamanho do cérebro, feição do rosto, formato das mãos, ...) até a capacidade de se comunicar (modalidades gestual, pictórica, verbal e escrita).

A presença do Homem na Terra transformou-a numa grande sala de aula, pois ele logo revelou ser um aluno curioso: fazendo indagações, vislumbrando possibilidades, avaliando resultados, buscando opções, alargando, continuamente, seus horizontes; dançando, enfim, ao som de uma música cuja melodia expressa a convicção de que há sempre algo novo (BARGUIL, 2000).

*Os caminhos que conduzem o homem ao saber
são tão maravilhosos quanto o próprio saber.*

JOHANNES KEPLER

O desenvolvimento da Humanidade é marcado pela *conquista do espaço*: i) inicialmente, na pré-História, quando precisava desbravá-lo à busca da sua sobrevivência, através da coleta de frutos e raízes, da caça e da pesca, utilizando para tanto instrumentos rudimentares, feitos de ossos, madeira ou lascas de pedras; ii) com a agricultura, tornou-se apta a produzir, crescentemente, os alimentos necessários ao seu sustento, deixando de ser nômade, construiu vilas (onde as moradias apresentam mais segurança e conforto, se comparadas com as construções iniciais); iii) o período das grandes navegações permitiu que ela, enfrentando temores colossais, avançasse rumo ao desconhecido, revelando a

¹ In: I Colóquio Internacional de Políticas Curriculares. João Pessoa: UFPB, 2003.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor adjunto da UFC. www.paulobarguil.pro.br.

multiplicidade de culturas espalhadas ao redor do mundo e tornando as distâncias cada vez menores; iv) a corrida espacial, finalmente, desbravando fronteiras inimagináveis, projetando-a rumo ao inebriante cósmico, consentiu que ela vislumbrasse a Terra, questionando, enfim, como estava cuidando da sua morada natal.

Assim, a investigação do significado que o espaço tem no desenvolvimento da Humanidade revela-se pertinente e necessária (HALL, 1973: 7/9). Para tanto, torna-se imperioso utilizar conceitos e teorias de áreas diversas: Paleontologia, Filogenia, Anatomia, Genética, Arqueologia, Psicologia Ambiental, Antropologia e a Geografia Humana. O entrelaçamento delas permite compreender, com maior riqueza, as alterações que ocorre(ram) na nossa desenvolvimento, bem como as marcas que temos deixado no mundo.

Acredito que conhecer algumas melhorias que alcançamos, os equívocos que cometemos e as promessas que persistem em nos acompanhar, é uma forma de valorizar o ontem, não apenas com o objetivo de sacralizá-lo, mas com vistas a melhor compreender o hoje, permeado que é com tantas limitações e desigualdades – uma vez que ainda são poucos os que têm acesso às conquistas que a Humanidade atingiu – ao mesmo tempo em que vislumbro um amanhã mais justo e fraterno.

Acresça-se ao fato de que somente uma pequena parcela dos habitantes da Terra tem acesso aos triunfos obtidos em diversas searas – educação, saúde, habitação, tecnologia, alimentação, etc – a grave constatação de que o Homem tem agredido o meio ambiente (poluição do ar, de rios e dos mares; desmatamento de florestas; diminuição da camada de ozônio; ...), demonstrando seu desconhecimento acerca das profundas ligações que tem com ele – o qual tem sido uma fonte de aprendizado, permitindo, além da “complexificação” das suas funções emocionais, cognitivas e sociais, da estruturação da vida coletiva e da dominação do espaço circundante, a construção de saberes sobre a natureza – uma vez que põe em risco a sua sobrevivência.

Há um conflito entre a reprodução da Humanidade e da Terra. A Terra suporta cada vez menos o nosso crescimento, enquanto nossas sociedades têm cada vez mais necessidades dele. (...) o consumo mundial se desenvolveu a um ritmo sem precedentes no decorrer do século XX. A dinâmica consumo-pobreza-desigualdade-degradação ambiental se acelera. Se não houver uma redistribuição entre os consumidores de alta e baixa renda, se não se abandonarem os produtos e procedimentos de produção poluidores, se não se favorecerem as mercadorias que são necessárias para os pobres e se o consumo ostentatório não deixar espaço à satisfação das necessidades essenciais – os problemas colocados, hoje, pela relação entre consumo e desenvolvimento humano se agravarão (NEUTZLING, 2003: 11).

Preocupado com o tratamento dispensado pelo Homem ao ecossistema, Capra (2001: 23) alerta para a necessidade de uma “mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores”, e defende um novo paradigma, onde a visão fragmentada da realidade é substituída pela compreensão holística, a qual percebe o mundo como um todo integrado.

Fruto de milênios de esforço do Homem, a Ciência é, para muitos, a forma mais prestigiada de conhecimento. Ela, porém, não é a única, pois há várias maneiras de se conhecer o mundo. Desde o seu surgimento no século XVII, com Galileu e Descartes, a Ciência tem influenciado de modo crescente a vida social, com a divulgação de valores e normas que impregnam as mais diferentes atividades, desde a construção de cidades e a instituição de leis, até a edificação de escolas e a escolha do quê (conteúdo), para quê (objetivos), quando (currículo) e como (metodologia) se ensina.

No século XX, assistiu-se a uma valorização crescente da Ciência no cotidiano, sendo-lhe, muitas vezes, outorgado o encargo de classificar e dar *status* às outras formas de explicação e interpretação da realidade. A supremacia da Ciência permitiu o incremento da compreensão humana do mundo, através de explicações cada vez mais complexas, além de encorajar o Homem na instigante tarefa de desbravar o Universo. Promoveu, todavia, uma verdadeira caça às bruxas, quando valores e aspectos intrínsecos do existir social foram, muitas vezes, extirpados, por não estarem de acordo com a rígida (e estéril) *lógica* científica.

É necessário, pois, diligenciar-se na compreensão do que se esconde atrás do véu da *neutralidade científica*. Tal crença, a despeito de ser cada vez mais denunciada, continua influenciando a nossa forma de produzir e difundir conhecimento, pois aceita como válido apenas o que é passível de quantificação e medição, desprezando a dimensão subjetiva do pesquisador e a sua ligação com a sociedade.

A explicação de um acontecimento gestada somente numa área da Ciência padece do mal crônico do seu antigo modelo: o *fracionamento da realidade*. A crença de que, para se compreender algo é preciso isolá-lo, identificando as variáveis que o influenciam, tem sido cada vez mais combatida, pois esse entendimento, por não considerar a dinâmica da vida, o seu caráter relacional, tem um alcance (r)estrito.

Em virtude disso, objetivando integrar as diversas áreas do conhecimento, tem-se buscado desenvolver práticas interdisciplinares. O desafio que se interpõe, inicialmente, é que a *interdisciplinaridade* requer dos profissionais envolvidos uma formação bem diversa da que se lhes tem oferecido, pois, mais do que uma extensa fundamentação teórica, é indispensável terem eles uma vivência multidisciplinar, com a adoção de metodologias que contemplem, além da mera exposição do conteúdo, um conjunto de experiências capazes de lhes permitir compreender o fenômeno da vida com um novo corpo.

Porém, via de regra, as propostas interdisciplinares estão circunscritas ao conhecimento (dito) científico, buscando maior integração entre as suas disciplinas (Matemática, Português, Física, História, ...); ou seja, elas se têm gestado dentro dos domínios da Ciência, da razão e da lógica, permanecendo a indesejada cisão entre Ciência, Arte, Filosofia e Religião.

Apesar da importância da dimensão espacial da atividade humana em geral, e da educativa em particular, essa última é uma questão não estudada nem a fundo nem de modo sistemático (FRAGO & ESCOLANO, 1998: 11).

O mundo tem sido, pois, a grande classe da Humanidade. Porém, em virtude do substancial incremento da quantidade de saberes, os espaços específicos para o ensino e a aprendizagem foram esboçados, inicialmente, com uma feição familiar, privada, posteriormente, com uma constituição social, pública.

A formatação atual de escola representa um grande avanço, haja vista ser ela um lugar socialmente construído, com atributos e qualidades próprios, destinada a permitir que seus clientes aprendam de modo satisfatório o que, por diversos motivos, no espaço tradicional – o mundo – não é possível.

Há que se inquirir esse acontecimento social, sob pena de não se reconhecer as influências que abençoaram o seu nascimento, as quais, provavelmente, continuam a tutelar o desenvolvimento das ações nele desenvolvidas e a impedir que novos comportamentos adentrem o palco dessas edificações e transformem o cotidiano escolar.

A construção de um prédio escolar, por atender a uma lógica, a um currículo e a um objetivo educacional, é erigido conforme os preceitos estabelecidos numa determinada época, constituindo, assim, uma representação cultural de um contexto social, não sendo, portanto,

um espaço neutro, sem intenções. Uma crítica quanto à arquitetura escolar possibilita maior compreensão do projeto pedagógico nela desenvolvido.

Foucault (2002: 118/119) explica como a disciplina foi utilizada em diversos espaços sociais (conventos, exércitos, oficinas), objetivando elaborar uma diferente forma de dominação, não mais pela apropriação do corpo, que ocorria na escravidão, mas na capacidade de fabricar “corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”.

Um projeto pedagógico que privilegia a participação, a socialização e a integração entre os seus atores demanda um espaço físico cujo projeto arquitetônico contemple, além das questões técnicas – disposição da escola no terreno, impermeabilização das paredes, dimensão das salas de aula e das janelas, espaçamento das carteiras e suas medidas, ventilação, iluminação, acústica e circulação – valores de uma política curricular progressista e democrática, sensível à questão ecológica, propiciando e fomentando, dessa forma, novas práticas educacionais.

*Aquele espaço negado para gerações e gerações de alunos de quem é?
Como e por que se estabeleceu essa estética perversa e essa ética da negação
do uso do olhar e das mãos? (ALVES, 1998: 12).*

Referências Bibliográficas

- ALVES, Nilda. *O Espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- BARGUIL, Paulo Meireles. *Há sempre algo novo! – Algumas considerações filosóficas e psicológicas sobre a Avaliação Educacional*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.
- CAPRA, Fritjof. *A Teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução: Newton Roberval. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. Tradução: Raquel Ramalhe. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HALL, Edward T. *La Dimension oculta – enfoque antropológico del uso del espacio*. Madrid: Instituto de Estudios de Administration Local, 1973.
- NEUTZLING, Inácio. Sociedade do trabalho e sociedade sustentável. In: *IHU on line*. Porto Alegre: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Ano 3. nº 48. Janeiro/2003. 9-12.
- SAGAN, Carl. *Cosmos*. Tradução: Angela do Nascimento Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Fancisco Alves Editora S/A, 1982.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A Formação social da mente*. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira M. Barreto & Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.